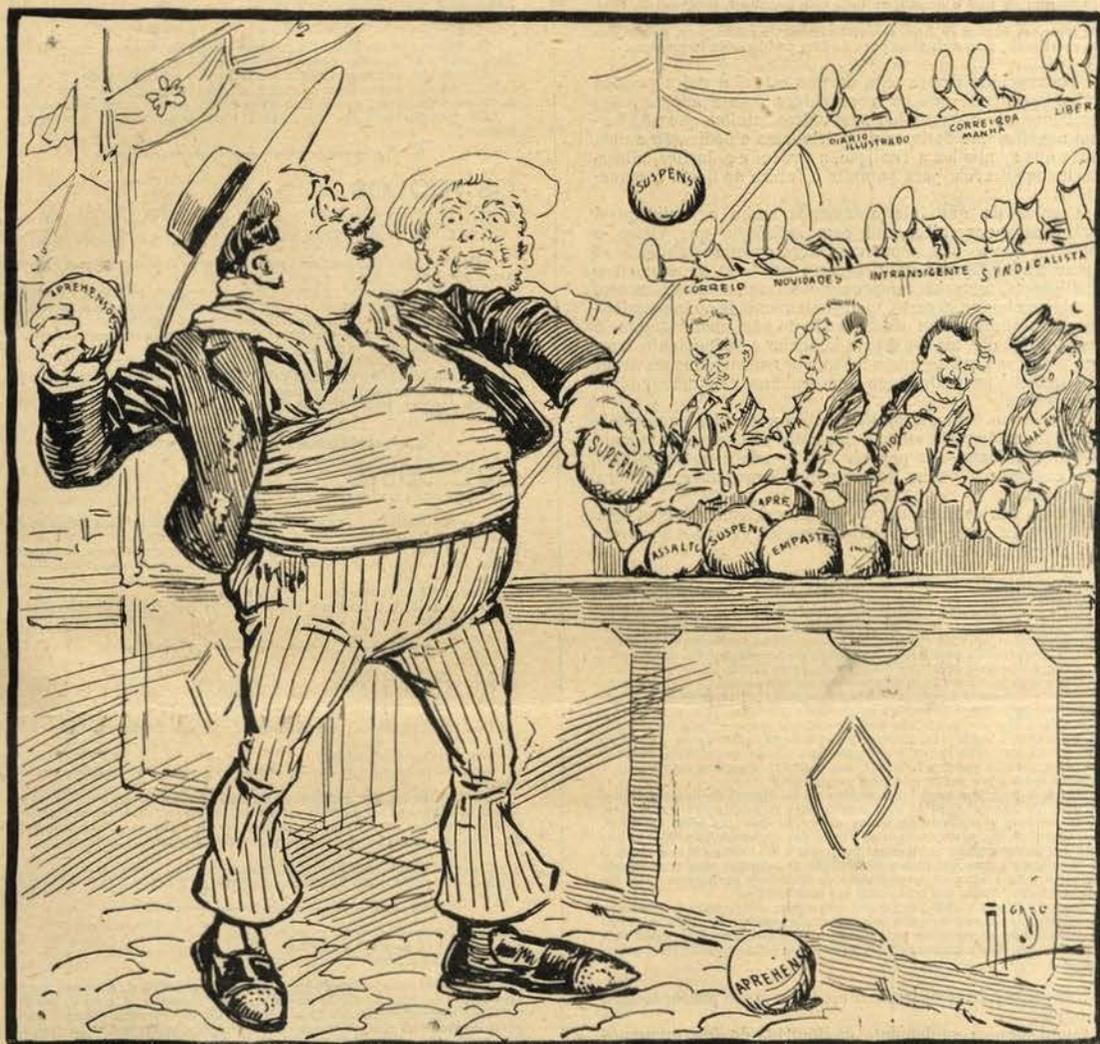




PIM-PAM-PUM



O JOGADOR: Para ganhar o charuto só me falta tombar quatro!
 ZÉ: Ganharás o charuto, mas acautella-te, ao fuma-lo... não vás queimar-te...

A verdadeira orientação

No nosso numero de 20 de março escrevemos aqui n'essas columnas:

«Desde 5 d'outubro que os antigos partidos políticos da monarchia deixaram de ter razão d'existir, para dar lugar a um só grupo, uma só familia, uma só bandeira: a familia monarchica, a velha e gloriosa bandeira do passado. Tudo quanto assim não seja é um cavar ruinoso dentro do proprio abismo; é uma cegueira doentia ou uma ineptia revoltante.

Que nos deve importar as antigas divergencias e as antigas rivalidades (bem funestas divergencias e bem egoistas rivalidades) se a todos os que com brio e honra teem mantido a sua firmeza de caracter e a sua coherencia de principios, o mesmo gume da violencia, do insulto e do odio tem attingido? Se nos fortes e penitenciarias, indistinctamente se acham soffrendo pelo commum ideal, constituições e legitimistas, conservadores e liberais, velhos e novos, nobres e plebeus, conhecidos e ignorados? Que falso e criminoso principio pôde hoje ainda sustentar privilegios ou direitos que não sejam aquellos adquiridos n'estas horas amargas de constante soffrimento, de permanente perigo, de ininterruptas affrontas, de continuado despotismo? Que direitos podem existir que não sejam os cimentados n'esta luta diaria, para manter o prestigio d'uma causa, para desaffrontar-a dos insultos que lhe dirigem, pugnando dia a dia, pela felicidade da Patria, pela salvação do patrimonio herdado — o mais bello thesouro que podemos deixar a nossos filhos com a memoria d'um nome honrado?

Todos por um, e um por todos! — seria esta a legenda que devia, desde 5 d'outubro, ter ligado os monarchicos portugueses, sem inquirir se era azul e vermelho ou azul e branco, se tinha sido franquista, progressista, dissidente ou regenerador, o seu companheiro do lado, desde o momento que elle fosse um homem de bem, que vinha lealmente enfileirar-se, guiado pela sua consciencia, tudo arriscando por uma bem problematica recompensa.»

Convencidos firmemente de que esta é a unica politica leal e oportuna que os monarchicos devem adoptar, não hesitamos em aconselhar sem outros intuitos que não fossem aquellos que derivam do patriotismo e dedicacão a uma causa que symbolisa a Tradição, a Ordem e a Justiça, alicerces indispensaveis para garantir o futuro da nossa nacionalidade.

Crentes de que interpretavamos assim o sentir quasi geral dos monarchicos, foi com satisfacão que vimos o applauso que as nossas palavras mereceram de nobilissimas e ponderadas figuras politicas que, pela sua experiencia e intelligencia, merecem sempre ser escutadas com acatamento.

Alguem houve, é certo, que, por leviandade ou inexperiencia politica, discordou d'este modo de vêr, manifestando-se desastrosamente, mas se é para lamentar esse incidente, tambem a elle se deve os protestos que provocou e que serviram de excellente pedra de toque para conhecer a opinião publica sobre o caso.

Hoje como então, absolutamente convencidos da necessidade d'uma completa união entre todos os elementos monarchicos, orgulhamo-nos por vêr confirmada a nossa opinião pela auctorizada penna do eminente jornalista sr. Moreira d'Almeida.

São do *Dia* os periodos que abaixo archivamos e que, com um brilho excepcional, encerram grandes verdades e proveitosa orientação.

«A monarchia de 1833 cahiu em Portugal 77 annos depois, pela jornada da Rotunda...»

Entre constitucionales e absolutistas, dois ramos divergentes do mesmo tronco dynastico, cessou n'esse momento toda a razão de hostilidade. O principio monarchico, quando vencido, unificou-se e ficou symbolizado em quem, então, o representava pela larga consagração do tempo, sobrelevando, com a sua queda, a discussão bysantina da legitimidade do direito historico.

Uns e outros monarchicos representam agora o passado n'uma aspiração commum: e o passado é o que a revolução republicana derrubou. Não ha que discutir, frente a frente do inimigo que indistinctamente os fere, precedencias de direitos a uma coroa que não pode bi-partir-se, o que só teria uma importancia meramente subjectiva. Estamos ante um facto consummado. Toda a divisão de esforços seria inepta e anti-patriotica — desde que se trata, acima de tudo, de restituir á patria o brilho de suas tradições, á nação a sua unidade, e tambem a todos nós a paz de que tanto precisamos!

Ninguém pediria a esses leaes amigos de D. Miguel de Bragança — cuja fidelidade de largos annos ás suas tradicionais reivindicações é modelar e honrosissima — que capitulassem n'uma abdicacão que lhes fosse apostasia. Não! Guardem nas suas consciencias o culto dos seus principios. Mas ha que attender á communidade nas mesmas desgraças e nas mesmas provocações, o que deve levar a uma simultanea conjunção de esforços para o progresso nacional e para a obra de reconciliação da sociedade portugueza, hoje tão profundamente dividida por odios cada vez mais ferozes!

Deve ter tido este effeito na familia monarchica a derrocada do throno. e se o não tivesse, dariam os que a essa orientação intelligente e habil oppuzessem mesquinhos preconceitos ou ridiculas rivalidades uma desgraçada idéa do seu tino politico e tambem do seu amor a esta bella e querida terra portugueza.

Não conseguiríamos traduzir melhor o nosso pensar sobre o assumpto.

Como digno complemento da doutrina do *Dia*, queremos tambem aqui deixar archivadas estas palavras assignadas pelo illustre director da nobre e honrada *Nação*, o distincto jornalista sr. João Franco Monteiro, que, com a sua especial auctoridade no assumpto, confirmou d'uma forma clara os de-

sejos patrioticos dos bons portuguezes. Diz aquelle nosso collega, referindo-se ás antigas luctas dynasticas:

«Tudo isso vae longe, como muito bem affirma o collega, a quem respondemos a correr. Tudo isso vae longe, e hoje não pode nem deve influir nas desavenças da familia portugueza. Tudo isso representa erros de *parte a parte*, que os mortos d'então, se podessem resuscitar, lamentariam sinceramente, porque, sem o querer, elles contribuíram para o bonito estado de cousas que todos disfructamos n'este jardim á beira-mar plantado. Não seremos nós que levantaremos attrices de discordia, erguendo o pó das cinzas.»

Nobilissimas palavras que muito nos apraz registrar, louvando-as como merecem.

Um por todos e todos por um, assim deve ser, combatendo pelos direitos espelhados da maioria dos portuguezes; impondo o respeito pela Fé, reivindicando as garantias da Justiça, da Ordem e da Liberdade.

Não somos um bando de escravos; somos a maioria dos filhos d'esta Patria que aos nossos maiores deve um passado que ainda hoje fulge na Historia do Mundo com inexcusable brilho.

E' preciso que d'isto se não esqueçam os *senhores* que, com o 5 d'outubro, não quizeram valorizar um povo, mas adquirir um feudo.

SÓ 67

Ao famoso banquete de 120 talheres offerecido ao nosso compadre Afonso, no Porto, só compareceram 67 democraticos.

Que diacho, nem com o cheiro nos petiscos, á borla, já lá vão! ? E d'estes 67 muitos eram da guarda d'honra (ou da guarda *Costa*, se gostarem mais do termo) que S. Ex.^a levou de Lisboa por causa das moscas... Oh! popularidade dos tempos idos! Onde irás tu a estas horas, grande magana?

OS IDOLOS

Esta é do Sr. Antonio Zé no seu jornal:

«Mas isto não pode continuar assim, sob pena de nos cobrirmos todos de lama e opprobrio.

Era preciso que o sr. Afonso Costa governasse, para toda a gente vêr como elle é um homem banal, sem ideais, um estadista estéril sem soluções, e um homem voluvel sem principios. Era preciso que aquêle idolo fosse desfeito, e, como era de barro, o melhor foi pô-lo alto, para que, na queda, elle se fizesse irremediavelmente em cacos.»

Olhe, mude uma letra á última palavra e ali tem a materia de que eram feitos todos os idolos dos tempos do primeiro matrimonio.

Sem desfazer, amigo Antonio Zé, sem desfazer em nenhum...

QUE SUSTO

O nosso querido Antonio José Banana de Almeida deitou artigo na *Republica*, onde, depois de se estirar em tres valentes columnas, diz que se não houver um politico de tranquillidade e ordem com gesto largo de esquecimento, vamos todos para o fundo, encontrando na mesma vasa uma *sapintura commum*.

Credo! Não diga isso! Com o Brito e o Borges á mistura? Seria castigo forte de mais para os nossos peccados.

UM PEDIDO

Do *Dia* referindo-se á viagem do grande Afonso á cidade invicta:

«Apparato policial, muito. Phylarmonicas, só a da Foz. Desanimação grande, republicanos de orêlha murcha.

Mas, se não é assim, publiquem, além dos representantes officias, os *nomes* d'aquelles que, occupando no Porto, na sua sociedade, no seu meio intellectual, no seu alto commercio, na sua grande industria, na sua propriedade, situações de destaque, tivessem concorrido á festança... affonsina!»

Espera ahí um bocadinho que já publicam...

Mas que pedidos tão indiscretos que faz este *Dia*!

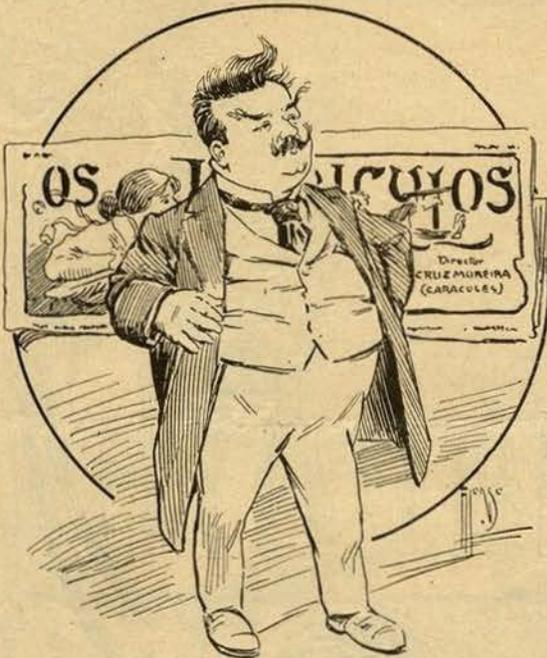
O "ATTENTADO"

Está finalmente averiguado que o auctor do *attentado* de Santarem procurava não o sr. Afonso Costa mas o sr. Brito Camacho. A arma de que era portador o pseudo affonçada Cunha Neves, foi apprehendida pelo secretario geral do Governo Civil de Santarem, sr. Dr. Jacintho Freitas, unico rival, até hoje conhecido, do celebre Sherlock Holmes e devotado correligionario do sr. Brito Camacho, a quem, por sua deferencia especial e bem demonstrativa do profundo conhecimento do seu chefe, a offereceu.

O sr. Brito Camacho chamou-lhe um figo, por ser um grande apreciador d'hortaliças; somente a achou pequena...

A arma terrivel era... uma banha.

A ULTIMA VICTIMA



Com a afirmação da nossa leal camaradagem, o mais vivo protesto contra a violencia soffrida.

O "SUPERAVIT"

O nosso illustre collega o *Dia* contou n'um dos seus ultimos numeros que uma vez, sendo Fontes ministro da fazenda e gabando-se-lhe as habilidades orçamentais de Carrilho, chamou este e encomendou-lhe um orçamento *fetto com boa vontade*, como accentuadamente lhe disse.

Sem se perturbar, Carrilho perguntou-lhe serenamente e como um Vattel consummado d'aquella corinha orçamental:

— V. Ex.ª quer com deficit, ou pretere com *superavit*!

Fontes olhou-o, com espanto, e respondeu com simplicidade:

— Pois experimentemos esse *superavit*, mas... que seja modesto.

Não tardou que Carrilho apresentasse ao ministro um orçamento perfeitissimo com 27 contos de *superavit*!

Aqui teem os entusiasticos admiradores do *superavit* do Homem Forte um caso para ponderar... e para lhes moderar os logueterios.

No fim do anno é que se quer ver o resultado do milagre... Ai, páteit-nhas!...

NORTADAS

O mosquito

Dedicado ao meu Casaca

Valente mosquito
Nascido no lódo,
Que comes e bebes
Petiscos a rôdo;

Insecto terrível
Que mordes; ingrato!
Do meu rocinante
Tu és o retrato!

Tu picas, debicas,
E's todo illusões!
A prova vaes ter
Nas taes eleições.

D. PENGRENELLAS

MAS QUE "FITA,"

Olhem que aquella *fita* do homem que veiu do Brazil para assassinar o Czar Affonso, foi muito mal imaginada.

Nem ao menos o deixaram levantar um braço, ou erguer uma perna em attitude tragica!...

Francamente a coisa não estava bem ensaiada... e a serio, tenham paciencia, mas não ha ninguem que coma a *bucha*.

Então o homem vinha lá dos confins do mundo com tão tragicos intentos e depois d'andar por ali á solta uns poucos de dias, a encontrar-se com o sr. Affonso Costa, por todas as ruas, ia escolher o Porto, n'uma occasião em que o chefe do governo andava sempre escoltado de amigos e até de tropa, para commetter um crime??

Ora... sebo!

PELA FRÓTERNIDADE...

Este bocadinho é tirado á sorte d'um dos ultimos numeros do *Diario de Noticias*:

«Nas pedreiras do Alvito, junto á fabrica do guano, casal pertencente a José Vicente, foram hontem encontradas seis bombas explosivas, redondas.

«Foi alli o chefe Leal, da esquadra de Alcantara, com alguns guardas, sendo as bombas, por ordem do sr. comandante da policia, conduzidas para a fabrica da polvora em Chelas.

«A policia judiciaria, por denuncia, fez hontem varias buscas sem resultado.

«— Pedro Candido dos Santos e Raul Lopes dos Santos, que, como dissémos, foram presos em Paredé, por lançarem 3 bombas na praia, confessaram já que tinham levado os explosivos da serrallaria de Narciso dos Santos, na travessa da Palha, onde se deu a explosão.

«— Eduardo da Costa, trabalhador, morador na Calçada da Pampulha, 136, achou, hontem, na Rampa dos Marinheiros, uma bomba explosiva, que foi entregue á policia.

«— João Ferreira, criado de servir, morador na travessa do Forno, aos Prazeres, 6, foi preso, por denuncia de Manuel Paes, morador na rua do Bem-fornoso, 14, que o acusa de ter feito rebentar uma bomba nas terras da quinta do Pinheiro, em Palma de Cima.

«Na estrada da Circumvalação, foi encontrada uma bomba por João dos Santos, de 13 anos, morador na rua Antonio Pedro, A. R., e na rua Coelho da Rocha, a Campo d'Ourique, e junto ao chafariz na rua Ferreira Borges, informam-nos de que tambem foram encontradas bombas, bem como na Junqueira.

«Foi hontem á noite preso, Julio José, morador, na rua Fradesso da Silveira, que confessou ter sido quem abandonara, no Casal do Alvito, as 6 bombas de dynamite a que acima nós referimos.»

E' emocionante! como dizia o «lord» da *Dama Roxa*!

COMO SERIA?

Anda muita gente intrigada, e com razão, para saber á forma por que o Cunha Neves, preso na estação de Santarem como *enviado especial dos jasutas e palvantes* (são damnados!) para assassinar o sr. Affonso Costa, poria em pratica o seu tenebroso plano.

Quando prenderam o homem não lhe encontraram qualquer arma.

Seria á unhada ou á dentada que o *criminoso* praticaria o assassinato?

FADO "NEFASTO,"



I

II

Se porque sou thalassa
Dizendo a minha graça
Aos typos luminosos,
Se rio do Affonso
Mais do *Nónes* palonso
E d'outros preciosos;

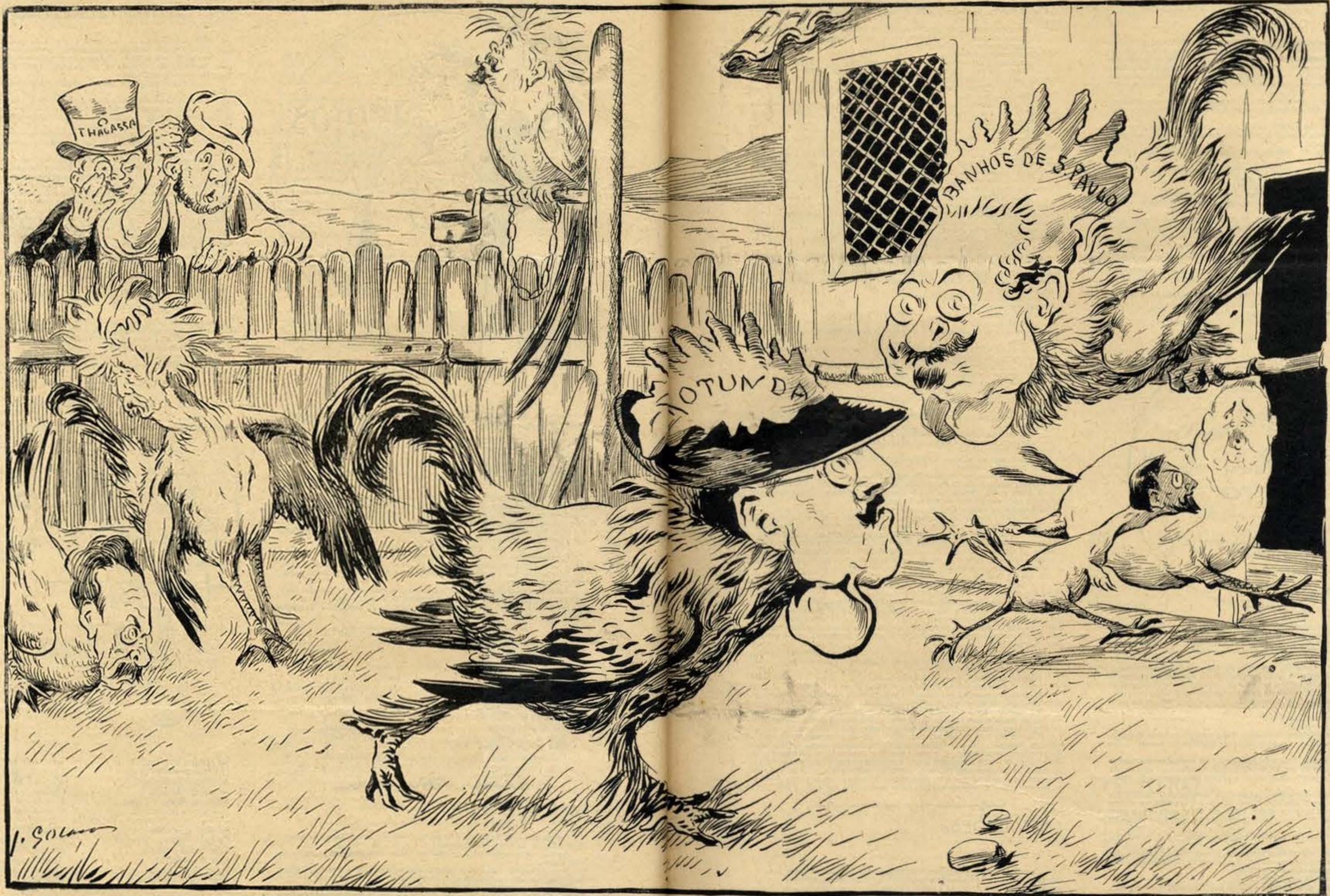
Se contar as façanhas
Com muitas artimanhas
Do caso São Thomé,
Porque o Costa palpita
E o Abreu se agita
E o Gil faz banzé;

Se pelo paiz fóra
Eu canto em voz sonora)
Com prosa burilada,
Esta *fraternidade*
De coxa liberdade
Que morre suffocada;

Dizer que o halito do Brito
E' o mesmo que um detricto
De pia mal cheirosa,
Mostrar que o França é burro
Que atria cada zurro
Que chega á Pampilhosa;

Não poderia ter
Daniel a gentileza
De dizer com franqueza
S'isto é nefasto escrever.

Não poderia ter
Daniel a gentileza
De dizer com franqueza
S'isto é nefasto escrever.



ZÉ: Afinal, foi por causa do poleiro que elles brigaram e me embarilharam n'outro tempo, para gora andarem novamente á bicada...
 THALASSA: Deste-lhe «milho» de mais; não vês: enquanto de «papo» cheio os gallos novos ao brigando, o gallo velho arrasta a aza á gallinha, que até perdôa o mal que lhe fez pelo bem que lhe sabe... entretanto, o papagaio vae cantando o «papagaio presidencial, quem passa!»... e os pintos fogem, como sempre...

CHRONICA DE VERÃO

O pic-nic

O pic-nic das Silvas na Buraca, em homenagem ao senador Sá, foi um encanto.

Os farnéis ficaram arranjados de véspera e reuniram-se todos em casa das Alves, d'onde partia a burricada. Eram grandes cestos de diversos tamanhos e feitiços recheados de pastéis de bacalhau, patos com arroz, galinhas coradas e outras iguarias, não faltando as fatias da China, muito bem empanadas em calda d'assucar.

A D. Annica tinha-se esmerado n'um grande pastellão de carne e ovos com batata, prato que logo tinha alvitrado quando confeccionou o menu por motivos d'ordem economica.

— Se quiserem, esse fica á minha conta. A's vezes não me sae mau — e segredou á Bia que appoiasse a sua ideia porque ficava mais em conta o pastellão do que outro qualquer prato.

— Juntam-se os restos de carne do jantar e com uma duzia d'ovos faz-se a festa.

A Bia declarou logo que a mamã fazia muito bem o pastellão, e ficou asente que este peíscio calhasse á familia Silva.

— E o Vasquinho? O que dá o Vasquinho?

— Eu, como sou solteiro, só posso dar... galanteios ás damas — e o entecado do Sr. Abreu suspirou fundo, fazendo arremelgar os olhos das manas Alves e morder o beijo á filha Polycarpo.

O entusiasmo pela visita do senador Sá era indiscrepível na Buraca, onde o illustre democratico goza de grande influencia. Era o seu baluarte — como elle dizia, com ar de cacique importante.

A's oito horas da manhã o pequeno apeadeiro regorgitava já de gente esperando o illustre senador, que tinha annunciado a sua chegada no *ordinario das 8 e 35*.

A frente o Vasquinho, com um grupo d'amigos, empunhando bandolins e violas, romperam entusiasticamente com a *Portuguesa* assim que o comboio se avistou.

O Sr. Sá, bastante comovido, com o lenço em bico entalado no collarinho, appareceu logo á entrada d'um salão de 3.ª classe, com um chapéu de sol cinzento na mão esquerda e uma pasta de couro preto na destra.

O Sr. Abreu, que apesar de ter adhesivado, mantinha ainda uma certa pre-



dilecção pelas ceremonias apparatusas da realza, organisou os cumprimentos, reservando para si o encargo de dar as boas vindas.

Assim que o Sá pizou o apeadeiro da Buraca, avançou, solenne, tres passos, piscou o olho ao Vasquinho para que parasse a musica e, com voz sonora e pausada, recitou:

— Illustre cidadão senador Sá. Em nome da colonia balnear da Buraca...

— Balnear, não — segredou respeitoso o Polycarpo; aqui não ha banhos...

— Ora essa! Chama-se balnear a todas as colonias que estão a ares no verão que estejam em terra enxuta ou molhada — e continuou imperturbavel...

...apresento-vos as saudações de boas vindas.

Viva o Sr. Senador Sá!

Viva o Sr. Dr. Affonso Costa!

Viva o partido democratico!

As senhoras bateram palmas, as meninas Alves cumprimentaram elegantemente com os bracinhos no ar, e os bandolinistas romperam novamente com os acordes do hymno.

O senador, muito suado, depois de agradecer com apertadas tocarolas de mão, tomou lugar no meio do rancho, encaminhando-se todos para casa das Alves, onde os burros e os farnéis aguardavam a partida para o pic-nic no Pinhal Novo.

O trajecto foi cheio de incidentes alegres. O Sá, para quem tinha sido destinado um jerico todo enfeitado com laços verdes e vermelhos, de vez em quando apeava-se para folgar o assento, como elle dizia, apalpando a parte molesta pelo albardão duro onde escarranchava a sua figura atarracada de burguez congestionado.

Na volta d'um atalho, a burra onde cavalgava a sogra do Polycarpo, chapou-se.

O esposo de Annica, menos reverentemente, largou uma gargalhada, que poz a austeria D. Philomena espumando de raiva, e com as pernas ao léo até ao posterior, saltou uma prega menos protocolar.

De que se ri o senhor, seu idiota?

O Polycarpo entou, e o Abreu e o Alves correram solícitos a erguer a veneranda sogra do Polycarpo, enquanto o Vasquinho galopou ligeiro a prevenir o resto do rancho, que ia mais adiante chilhando com o senador Sá.

Era meio dia quando abancaram debaixo d'uns carvalhos ramalhudos no sitio do Pinhal Novo.

O Sá, que distillava por todos os poros, tirou democraticamente o casaco,

e as senhoras, por proposta de D. Annica, tiraram as salas de cima para as não estragarem com nodos da fructa.

Emquanto os farnéis iam sendo desembrulhados, o Vasquinho tocou varias modinhas no bandolim, e a Bia cantou *A noite serena*, para entreterem a sociedade.

O primeiro prato a ser servido foram os pastéis de bacalhau das Alves, que tiveram a honra de ser devorados com grandes elogios á finura da massa.

— Como costuma a D. Conceição bater os ovos?

— Sempre para a direita...

A proposito, o sr. senador contou uma anedocta.

— Quando eu era caixeiro do Vianna, havia uma fregueza que só queria ovos de pato para fazer pastéis de bacalhau...

— Ora essa! Então os ovos de pata são melhores?

— Ella dizia que sim.

E eu então, um dia que não tinha a porção d'ovos que ella desejava, lembrei-me de lhe fazer uma partida. Enchi umas cascas com farinha e mandei-lh'as, dizendo que eram ovos americanos muito bons...

Todos riram muito da pilheria do sr. Senador.

— Ovos americanos, ora não ha! Como se os americanos puzessem ovos!...

Quando chegou a vez do pato com arroz das Alves, o Abreu, com o guardanapo atado ao pescoço, collete desabotado, bem como o cóis das calças, levantou-se, empunhando uma pucara de barro.

A esposa olhou-o envaidecida e fez uma figa por causa do olhar invejoso que lhe estava a deitar o Polycarpo.

— Meus senhores. O dever impõe-me que erga a minha voz pausada mas firme, modesta como a minha pessoa, mas dedicada como o meu coração, para consignar aqui, perante a natureza immensa que nos contempla, o orgulho com que nos sentimos honrados de ver entre nós esse esteio da democracia luzitana que, tendo assento nas altas culminancias da hierarchia social, não trepidou em descer até nós n'um simples burro, para vir festivo pic-niquear. E esse esteio é o illustre senador Sá.

— Muito bem, muito bem!... applaudiram todos.

— E por isso — continuou o Abreu rubro d'entusiasmo — eu peço que todos me acompanhem n'este singelo q'into despretencioso brinde, a que desearia dar-lhe toda a elegancia d'um Camões e todo o brilho rendilhado d'um Vasco da Gama.

— A' sua saude, sr. senador Sá!

— Hípp! Hípp! Hurrah!

— Sr. Senador...

— Sr. Sá, á sua...

As pucaras chocaram-se fraternalmente e o illustre senador fez menção de ir responder.

No rosto de todos os assistentes diviso-se uma profunda anciedade pelo modo eloquente do grande tribuno.

— Ui! — grunhiu a Bia n'um guincho agudo no momento solenne em que o Sá acabava de limpar os beijos para tomar a palavra.

— O que foi? O que foi?

— Estás incommodada, Bia?

— Não foi nada, não foi nada — declarou muito vermelha a filha do Polycarpo.

O Vasquinho, para disfarçar, offereceu-lhe um copo d'agua, segredando em voz baixa.

— Não faça escandalo... Desculpe, sim?

— Pois sim, mas para a outra vez não me belisque com essa força. De mais a mais estou dorida do burro...

A Alves mais velha, que não despregava os olhos do Vasquinho, mordeu o beijo, raivosa, e alvitrou:

— Talvez seja melhor mudares de lugar, Bia...

— Não, não foi nada... Foi a barba do espartilho que me trilhou...

O Alves pediu silencio e a D. Philomena sentenciou que <com genio nova nunca se pode assistir com socego ás solemnidades>.

O senador Sá então, depois de tossir, começou:

— Cidadãos! Vou ser breve. Mas na brevidade das minhas palavras desejo que fique accentuada a gratidão do meu *espírito* pela recepção deslumbrante com que a Buraca me recebeu, qual outr'ora a antiga Roma recebia os seus oradores quando apoz as luctas gigantescas dos Demosthenes e dos Napoleões vinham ao Capitolio receber os louros de victoria. Que grande exemplo de civismo representa hoje este *pic-nic*, onde o mesmo laço patriotico une todos os *estomagos* com excepcional grandeza e desinteresse.

— Bravo! Bravo!

E o inspirado senador, folgando mais as calças que lhe comprimiam o abdomen, continuou n'um arranco de entusiasmo:

— Pode a canalha paivantica, assoladada pelo negro metal da reacção *ja-saltica*, ameaçar-nos com os seus vis intentos, que nada conseguirão jamais porque, se as lanças do nosso exercito não chegassem para metralhar todos os traidores, um canhão mais poderoso varreria a malta com o gume afiado do seu talento; e esse gume e esse canhão é o nosso glorioso chefe, o grande dr. Affonso Costa!

— Toca o hymno no bandolim, Vasquinho... Vá, depressa... — recomendou o Abreu com os olhos a brilhar de satisfação.

— Bravo! Muito bem! Muito bem!

— Viva o canhão! Viva o dr. Affonso Costa!

— Isto é que é um *home* — declarou babada de gozo a D. Annica.

As pucaras chocaram-se novamente e o sr. Sá foi abraçado e cumprimentado por todos os presentes.

Seguram-se depois algumas duzias de brindes e saudes particulares, entremeados sempre com trechos de bandolim do Vasquinho. Eram 5 horas da tarde quando a burricada se poz em marcha, regressando á Buraca.

Pela estrada fora os alegres convivas do *pic-nic* atrovavam os ares com o cõro do *Balané* a que a D. Philomena bastante animada, punha notas agudas de arrepiante desaffinação. E o unico incidente desagradavel que houve além d'um copo de vinho, entornado sobre a sala nova da Alves mais nova, foram as repetidas paragens, no regresso, devido ao melho que o sr. Senador havia ingerido em grande abundancia, obrigando-o de quando em quando a desviar-se por momentos do trajecto seguido pelos veraneantes da Buraca.

"NOVIDADES,"

Diz o de S. Roque:

«Consta que estão pendentes negociações com o proprietario das *Novidades* para este jornal responder breve — talvez em setembro. A fecharem-se as negociações, o jornal seguirá a politica de um dos grupos republicanos constituídos após a Republica.»

E o sr. Hygino de Mendonça a estafar-se outro dia, desmentindo a mesma noticia! Para qué?
Que comedia!...

BANQUETE NA "BOLSA,, DO PORTO

(TELEGRAMMA)

Banquete, pantagruélico!
Pratos, fabrico majólico.
...P'ra conviva mais famélico,
Cabeça de Rei mongólico...

Sôpa feijão-democrático.
Arroz chinês estatístico.
Petits gateaux «à balístico».
Roti: «lombo de fanático».

Muito «vol-au-vent» rhetórico...
Bons vinhos de doce effluvio...
— Casacas... d'après Dilúvio —
Muito conviva... plethórico!

...Um longo discurso emphático
recheado de—«Platónico»...
Tudo babadinho! extático!
— No fim... um «pombal»— aphónico!...

ABRINDO A MARCHA...

Lá esteve, sob ferros da Republica, o heroe da Rotunda Americo Lopes d'Oliveira, homem que nada pediu nem accitou da Republica que fez.
Será o sr. Americo d'Oliveira a guarda avançada d'outros heroes da Rotunda que pretendem offuscar o brilho dos heroes dos banhos de S. Paulo?
Veremos o que dá o resto da fita.

VELHOS PROCESSOS

Com aquella *lealdade* que os caracteriza, o *Mundo* e a *Patria* especularam com a prisão do sr. Joaquim Freire, presidente da Liga Monarchica, do Rio de Janeiro, publicando nos seus *placards* e papeis a noticia com comentarios ao seu sabor. A *Patria*, do Estêvão, sempre prompta a insultar tudo e todos, até dizia ter informações confirmativas da accusação áquelle nosso compatriota.

Depois d'esta *bota* estevanacca chegou o seguinte telegramma, que julgamos conveniente publicar:

—RIO DE JANEIRO, 26, n.— Foi posto em liberdade o sr. Joaquim Freire, presidente da Liga Monarchica.

E em tudo elles—os patriotas—são sempre os mesmos, de resto sobejamente conhecidos.

A HYDRA!...

Contava há dias o Socialista:

«O leitor já deu a *Russia Vermelha*? Se não leu escusa de ter esse trabalho; o que está succedendo em Lisboa é o reflexo do que succedeu ha annos na *Russia*».

Ainda na passada sexta feira nós tivemos a confirmação d'esse facto. Junto ao demolido Arco de Santo André, depois da meia noite, ou democraticamente fallando, apoz *0 horas*, encontravam-se 3 civicos, commandados por um não menos civico cabo.

Toda a gente que ali passava era vexatoriamente revistada por um antigo cabreiro, ou guardador de porcos.

Um pobre velho subia a calçada a passo lento, levando n'um pequeno sacco um volume.

—O que leva ali? Perguntou um civico, muito precipitadamente. E sem mais resposta, atirou-se sobre o referido volume, abrindo o sacco cautelosamente, não explodisse alguma bomba.

Verificado o conteúdo do volume, o civico suspirou. Não era uma bomba o que o homem levava, era uma melancia que lhe havia custado do's patacos.

Até dá gosto viver n'esta terra, pois não é verdade?

O CUMULO

Os sinos da igreja do Bomfim, no Porto, tocaram a *Portuguesa* á passagem do nosso Czar Affonso.

Os sinos d'uma igreja a victoriarem o auctor da lei da separação, a festejarem o ministro que disse haver de acabar com o catholicismo em duas gerações!!!

Irra, que isto é o cumulo da falta de vergonha!

DESEMPENHANDO FUNCÇÕES

Diz a *Republica*, pela penna do seu aereo-director, que o Sr. Affonso Costa desempenhou no governo a sua função principal, que era *desacreditar-se*.

Não ha duvida. Mas tambem manda a verdade que se diga que a opposição tem desempenhado a primor a mesma função.

SERÁ POSSIVEL?!

Diz o *Diario do Norte*, dirigido por velhos republicanos, entre elles o sr. Antonio Luiz Gomes, ministro do Provisorio:

«Parece-nos que a *Republica* se enganou d'esta vez sobre os fins da vinda ao Porto do sr. Germano Martins, illustre director do ministerio da justiça. O que soubemos é que não ficou em descanso um processo relativo ao casamento d'uma senhora interdita, possuidora de larga fortuna, com cuja immediata dispersão se acirram variados appetites.

Assim, pois, se no caso figura candeia que dê luz, essa luz deve ter um brilho metalico de entontecer.»

E' muito para um homem só... Depois de S. Thomé, ainda em liquidação, já outro?!

Irra!!! O homem é insaciavel; até já expede guarda avançada!...

COM LIMPA UNHAS

Diz-nos um leitor que talvez o *grande criminoso* enviado pela seita negra para assassinar o sr. Affonso Costa, se propuzesse realizar a acto, deitando-se debaixo do comboio para o fazer descarrilar.

Olhe, é muito possivel. A forma havia de ser com certeza original, porque com respeito a armas o *assassino* só levava um limpa-unhas.

Ainda se fosse para attentar contra o senhor Brito Camacho, comprehendia-se. Bastava que o chefe unionista visse um objecto d'esses, para desmaiar, pelo menos...

A VIAGEM DO CZAR

Trata-se, é claro, da viagem do nosso Czar Affonso e não da do seu collega Nicolau da Russia.

O *Diario de Noticias*, descrevendo o cortejo organiado na estação de Campãã, no Porto, diz:

«11.ª carruagem — Dr. Affonso Costa, presidente do conselho de ministros, e dr. Adriano Augusto Pimenta, presidente da camara municipal do Porto.

Escortando esta carruagem, cavalgavam o commandante interino da divisão sr. Coronel Ramos da Costa, tendo á direita o sr. coronel Luz, inspector da arma de infantaria, e á esquerda o coronel Pereira de Magalhães, commandante da guarda republicana, seguindo-se todos os officiaes do estado maior da divisão e muitos outros dos diversos corpos das guarnições.»

Olhem-me para este luxo, *cidadões!* De carruagem escoltada pelo Estado Maior, e com o commandante da divisão a cavalgar á portinhola...

E' damnado para reinar aos Reis este nosso Affonso!...

PLEBISCITO

QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NONES,?"

Protesto, senhor *Thalassa*,
Mesmo á face da biologia,
Que alguém tenha a ousadia
Em lhe vir apresentar
Um parlamentar mais *Nones*
Que o Faustino da Fonseca.
Com lusidia caréca
Parece um queijo a palmar.

DR. AUGUSTO ESCANGALHADO.

Aqui estou. Venho votar
Muito conscio do que faço:
Dos *Nones* parlamentares,
O mais *Nones* é o Tasso.

Para maior gloria, um dia
Descobrirá novas ilhas,
A commandar a esquadra
Da carreira de Cacilhas...

PROPHETA.

Mas *Nones* de nascimento,
De origem e criação,
Só os *Nones* que em S. Bento
Gozam esta reinação!

Por isto vê o par'cer
D'este *Thalassa* arruinado...
Mas, p'ra melhor perceber,
E' *Nones* todo o Senado.

R. ESTEVES.

No fechado parlamento,
Com geitinho a procurar,
Era tarefa bem facil,
Reino de *Nones* formar.

E como em todos os reinos,
Um bom rei preciso é,
Eu dava p'ra rei dos *Nones*,
O poeta Antonio Zé.

POMBINHA.

THEATROS

Republica. — A's 8,45 e 10,30 — *De capote e lenço* (revista).

Trindade. — A's 8,45 e 10,30 — *Fogo de vistas*... (revista).

Apolo. — A's 9. — *Sempre casto*.

Avenida. — A's 8,45 e 10,30 — *O 31!* (revista).

The Splendid Fox Garden. — Continua sendo este o ponto de reunião preferido pela nossa sociedade.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

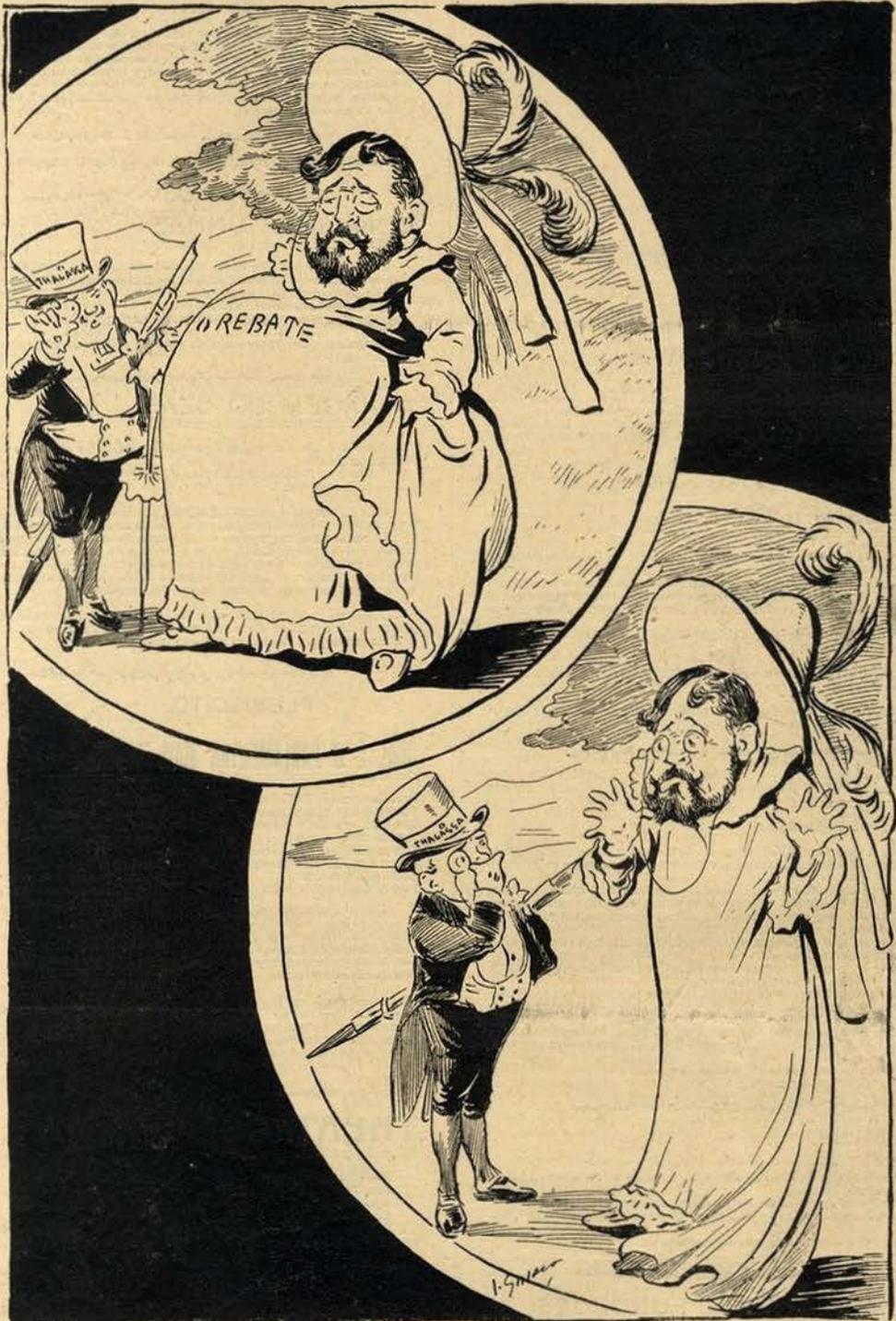
Olympia — Rua dos Condes.

Trindade — Rua da Trindade.

Central — Avenida da Liberdade.

Chantecler — P. dos Restauradores.

TOCA A REBATE; O FOGO ESTÁ PEGADO...



THALASSA: Pela apparencia deve ser um monstrosinho, hein?
ALF. DE MAG.: Não; afinal foi *rebate* falso; eram gazes...